



ARTIGOS



Do Útero Solitário aos Úteros Solidários:

a Odisseia de uma Mulher Cuidadora¹

Luiz Felipe Castelo Branco da SILVA, *Universidade de Brasília*

Resumo: Este trabalho visa analisar o percurso de uma mulher e de seu filho com problemas relacionados ao consumo de substâncias psicoativas e com trajetória marcada por conflitos com a lei e passagens no Sistema de Justiça. Ambos foram acompanhados pela equipe multidisciplinar de um Centro de Atenção Psicossocial em Álcool e outras Drogas no âmbito do Governo do Distrito Federal. Por meio do processo de ressignificações desta mãe, por meio da psicoterapia, foi possível acessar elementos para reflexão sobre o mito do amor materno, os possíveis arranjos de maternidade, as configurações de conjugalidade e os potenciais silenciadores nesta dinâmica. Além disso, também foi foco de discussão a processualidade de reedições da mesma enquanto mulher, mãe e ser humano.

PALAVRAS-CHAVE: Dispositivos. Gênero. Saúde mental.

¹ Este artigo foi produto de um trabalho de articulação entre Antropologia da Saúde e Psicologia Clínica e Cultura, em uma disciplina de doutorado em *Antropologia dos Úteros* na Universidade de Brasília.



Introdução

O fito deste trabalho foi de refletir sobre o percurso de uma mulher e do filho dela de 19 anos de idade e os atravessamentos presentes na trajetória deles em um Centro de Atenção Psicossocial em Álcool e outras Drogas (CAPS-ad) no Distrito Federal. Ambos foram acompanhados pela equipe psicossocial desse serviço. O filho tinha plano terapêutico que incluía atendimentos individuais e grupais e a mãe passou a ser acompanhada individualmente, pelo autor, quinzenalmente. Ao longo do processo terapêutico deles, foi possível observar o gradativo revisitar das expectativas frustradas da mãe, cujo bebê não se tornou a personificação daquilo que ela havia sonhado para o filho. Essa condição possibilitou o repensar a maternidade e os tensionamentos existentes entre o “ser mãe” enquanto algo dado/pronto e quanto algo continuamente em (re)construção. Ao longo desta odisseia interna², as dimensões de maternagem, de (auto)cuidado foram sendo reeditadas. Como efeitos disso, novas possibilidades de relacionamento consigo, com o filho e com a conjugalidade que possuía. O percurso foi marcado pelas inquietações existentes diante de dilemas morais, questionamentos acerca do *modus operandis* do serviço de saúde mental na qual era atendida, além de gradativamente revelar-se importante referência para outras mulheres.

Para a preservação das identidades, os nomes originais foram modificados, assim como algumas omissões fizeram-se necessárias. Elegeu-se o nome de Ilítia³ para esta mulher e de Telémaco⁴ para o filho.

² O termo Odisseia advém de um dos principais poemas épicos atribuído a Homero. Nele é relatado o retorno de Odisseu às suas origens. De forma metafórica, percebeu-se que a paciente parecia realizar um percurso similar, ao navegar dentro de si e colocar em debate distintos aspectos de suas trajetórias de vida e do *ser* e *estar* no mundo.

³ De origem grega, esta divindade foi considerada como a deusa dos partos e das gestantes, além de ser protetora das mães durante a gestação das mesmas (Brandão, 2008). Este codinome parece representar, em certa medida, a dimensão de (auto)cuidado construído ao longo do processo gestacional da nova versão de si mesma, que esta mãe foi (re)significando. Em tempos futuros, passou, em certa medida, ser espécie de “cuidadora” dos pais e mães que chegavam ao grupo multifamiliar do CAPS-ad.

⁴ Faz referência ao filho de *Ulisses* ou *Odisseu*, que nos quatro primeiros Cânticos da *Odisseia* está na busca pelo pai, a quem não conhecia. Esta metáfora guarda relação com o jovem acompanhado, porém, tais tessituras não farão parte deste trabalho.



De maneira preambular, escolheu-se contextualizar o “caso” em questão. Em seguida, foram trazidas algumas reflexões acerca do amor materno e possíveis arranjos de maternidade, a partir das vivências da protagonista do caso. Em um terceiro momento, foram apresentadas algumas questões sobre a conjugalidade e potenciais silenciadores nesta dinâmica. Por fim, foi discutido o processo de reinvenção de Ilítia nas dimensões intrapessoais e interpessoais, articulando-se autoras(es) das Ciências Sociais e da Psicologia.

Telémaco era um jovem de 19 anos aproximadamente e foi acompanhado em um CAPS-ad referenciado para mais de 1 milhão de habitantes⁵. Ele era filho único de pais separados e vivia com a mãe. Seu histórico vinha marcado por diversas passagens no Sistema de Justiça, inclusive no Sistema Socioeducativo local, em decorrência de atuações em conflito com a lei. Havia sido referenciado ao CAPS-ad por meio do psicossocial do Tribunal de Justiça local, com hipótese diagnóstica de dependência química e alcoolismo, condição esta que foi redefinida pela equipe enquanto alguém que possuía problemas psicossociais decorrentes do consumo de álcool e outras drogas. A notoriedade deste jovem deu-se após um episódio no qual ele agrediu fisicamente outro paciente nas dependências físicas do serviço de saúde mental. O “caso” foi levado para discussão na reunião de equipe multidisciplinar. Neste contexto de “reflexão”, existiram defensores da expulsão dele, enquanto outros buscaram contextualizar o ocorrido na tentativa de compreender as (des)razões simbólicas do ato agressivo, para além da hipótese levantada de tratar-se de dívida de drogas traficadas pelo agressor. Neste debate, foi levantado por uma das profissionais que Telémaco, reiteradamente, costumava relatar, de forma sutil, uma “mágoa que tinha da mãe”. A equipe decidiu pela inserção da mãe no processo de efetivo acompanhamento ambulatorial “na Psicologia”. Destarte, o autor

⁵ Este levantamento foi feito a partir de um projeto de pesquisa que buscou estudar as redes prescritas e as efetivamente ativas e a caracterização das relações intersetoriais em um CAPS ad no Distrito Federal, vinculado à preceptoría do PET Saúde Mental – crack, álcool e outras drogas, em parceria entre a Escola Superior de Ciências da Saúde (ESCS) e o Ministério da Saúde (entidade financiadora).



ficou designado para realizar tais atendimentos, uma vez que Telémaco era acompanhado por outro psicólogo.

Ilítia era uma mulher de aproximadamente 40 anos de idade, ensino médio, de cor parda, educadora infantil em uma instituição particular de ensino básico. Estava casada e não possuía rede de apoio substantiva. Os pais dela eram falecidos e não possuía irmão(as). Relatou nos atendimentos dois focos de sofrimento psíquico: 1) o sentimento de culpa e frustração pelo fato de ter um filho em conflito com a lei⁶ e com problemas de drogadição e 2) problemas relacionados ao marido.

Sobre Telémaco, declarou ser filho único e que a gestação dele foi concebida como fruto de um desejo de constituição de uma “família completa: pai, mãe e filhos”. Neste período, a gravidez foi marcada pela alegria e expectativas quanto ao filho/filha que viria concomitante a alguns dissabores com o marido. Ao longo da convivência com o esposo, ela experimentou episódios de traições extraconjugais, violências físicas, verbais e patrimoniais⁷, que eram percebidas, no início do processo terapêutico, como coisas “normais”, como “coisas de homens”.

Em relação às percepções dela sobre a situação atual do filho⁸, verbalizou que era alguém “sem vergonha na cara”, incapaz de respeitá-la. Ao mesmo tempo, revelava sofrer com tais “convicções” sobre o filho, pois essas colocações, em certa medida, colocavam em xeque a educação que ela dera ao mesmo. Esta condição a impelia a considerar-se como “mãe ruim” ou “uma mãe que falhou”. Desse modo, a “culpabilização” pela condição “errante” do filho ora parecia recair sobre ele próprio ora sobre ela. Tanto alguns membros da equipe quanto Ilítia possuíam o entendimento que apenas o portador do sintoma (no caso a dependência química) era legítimo paciente, sendo o contexto relacional do mesmo ignorado, inclusive o sistema sociofamiliar e seus membros.

⁶ Histórico de tráfico de drogas, envolvimento em roubos, furtos e tentativa de homicídio.

⁷ Em um desses episódios, declarou que certa vez o marido comprometeu-se a pegar o salário dela para pagar as contas do mês. Tempos depois descobriu que o corte de água, de luz e outras carências materiais eram resultado dele estar usando o recurso para pendências dele em bares e prostíbulos. Inclusive deixou de inscrevê-la em um concurso público porque gastou o dinheiro repassado por ela.

⁸ Cabe destacar que este filho morava com a mãe, em uma casa alugada por ela, ao longo dos atendimentos, até ter sido preso, condição destacada mais adiante.



Esta condição supracitada foi um dos pontos problematizados por Silva (2011). O autor trabalhou na perspectiva do tensionamento existente entre duas cosmovisões acerca do fenômeno da drogadição. Em um deles, a dependência química (DQ) compreendida em perspectiva meramente biológica e centrada apenas no sujeito que é usuário de substâncias psicoativas, rivalizando com outra vertente que adota a compreensão sistêmica, na qual entende a DQ enquanto fenômeno relacional, que intersecciona padrões relacionais que envolvem todo o sistema sociofamiliar do sujeito. A DQ, no segundo paradigma, seria considerada como um sintoma que aponta para algo disfuncional no funcionamento do sistema. Além disso, o conceito das dependências de contexto (que amplificam as noções reducionistas do binômio sujeito-droga(s) de eleição) são retomadas. Eis o porquê daquele autor também advogar a importância de incluir o sistema sociofamiliar do sujeito nas linhas de cuidado dos serviços de saúde mental em álcool e outras drogas.

Ao saber da agressão do filho, solicitou vir em dias e horários diferentes do plano terapêutico dele. Dizia que era “para não ter que dar de cara com ele”. Manifestou sentir muita raiva de Telêmaco, até chegar no dia em que revelou um segredo importante para o processo terapêutico dela.

“Vou Contar Um Segredo: Eu Desejo a Morte Dele (...) Para Acabar Com Todo Esse Sofrimento”: Do Mito do Amor Materno aos Possíveis Arranjos de Maternidade

O processo de escuta de Ilítia foi metodologicamente construído em torno de espaços dialogais, no qual aspectos psicodinâmicos e sistêmicos eram considerados. Os encontros foram realizados quinzenalmente, com duração de uma hora. O percurso de atendimentos durou pouco mais de um ano e meio.

De acordo com a perspectiva teórica junguiana adotada, assume-se a preocupação de circunscrever e descrever os fenômenos psíquicos,



sem a preocupação de encaixá-lo em uma teoria, mas assumindo-se postura fenomenológica. Ao mesmo tempo, visa auxiliar em processos de reelaboração e ressignificação de experiências de vida (JUNG, 2003), sem desconsiderar a intersubjetividade existente no sistema sociofamiliar (ELKİM et al, 2009).

Nos encontros iniciais, Ilítia destacou o desconforto que possuía em razão das “coisas erradas” que “Telémaco”⁹ fazia. Continuamente destacava que ele não seguiu a educação que ela deu e destacava a própria trajetória de vida, de alguém que tinha uma origem humilde, na qual o trabalhar e estudar sempre precisaram coexistir. Que sempre foi uma pessoa correta na vida pessoal e que esses valores foram passados para o filho e não entendia o porquê de ele ser como era. Ao longo dos diálogos estabelecidos, observou-se existir sofrimento psíquico que pareceu estar relacionado com sentimentos de culpa e de vergonha a partir da mínima possibilidade de ter falhado enquanto mãe. Estes sentimentos foram confirmados por ela ao longo do percurso terapêutico.

Esta “falha” enquanto “mãe”, parece implicar em espécie de imperativo que produz expectativas, exigências e certas metas que devem ser logradas pelas mulheres que gestam e parem bebês e, portanto, “tornam-se” “mães”, além das “naturais responsabilidades” quanto ao exercício de papéis domésticos (SAFFIOTI, 2013), condição essa que escamoteia questões em torno da divisão sexual do trabalho e agenciamentos em torno da exploração e opressão das mulheres (OLIVEIRA; NEVES; BRITO; ROTENBERG, 2021).

Esta condição permite a evocação do construto foucaultiano de dispositivo. Este conceito pode ser compreendido, de acordo com o disposto abaixo:

a rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regramentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito [...] estabelece

⁹ Cabe destacar aqui que ela não o chamava de filho, apenas pelo nome próprio dele. De modo equivalente, ele também não a chamava de mãe, apenas de um apelido que possuía no meio familiar extenso, que nas falas dele sempre era antecedido de um “dona”, resultando no seguinte construto linguístico: “dona + apelido”.



a natureza do nexu que pode existir entre esses elementos heterogêneos [...] pode aparecer como programa de uma instituição, como um elemento que pode justificar ou ocultar uma prática, ou funcionar como uma interpretação a posteriori dessa prática, oferecer-lhe um campo novo de racionalidade (CASTRO, 2009, p. 124).

Destarte, pode-se destacar sobre a existência de dispositivos que constroem as mulheres – inclusive nas questões relativas à maternidade. Como se pode encontrar na célebre frase de Simone Beauvoir (1980), quando destaca que ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Desse modo, este construto, que em grande medida condensa o conjunto de teses da autora, demarca a ideia de que o ser mulher não é um dado natural, mas o resultado de construção histórica e cultural. Eis que é partir dessa constatação que a autora desenvolve a noção do gênero como uma construção social e não algo dado simplesmente pelo biológico. Assim sendo, quando se nasce com o sexo feminino, miríade de atravessamentos se dão neste ser humano em formação, moldando domesticações em seus corpos e na expressão comportamental.

Nestes termos, os dispositivos que constroem as mulheres apontam para dois subtipos: dispositivo amoroso¹⁰ (NAVARRO-SWAIN, 2013; ZANELLO, 2018; OLIVEIRA, 2017) e dispositivo materno (ZANELLO, 2018). O primeiro deles descreve moldagens, produção de verdades e de prescrições de conduta acerca do matrimônio, do ideal estético e da conjugalidade. O segundo aponta para aspectos relacionados à procriação e maternagem.

Considerando-se o exposto, no dispositivo materno estão postos as capacidades de procriar e de cuidar (maternagem) enquanto desempenhos esperados das mulheres “mães”. Em certa medida, pode-se especular em torno de expectativas sociais, culturais e históricas nas quais configuram o desejo da maternidade enquanto algo “típico” do “ser mulher”. Destarte, não bastaria procriar e cuidar, mas também, “produzir” filhos(as) servíveis para a sociedade. Na situação de Ilítia, o fato do filho ter se tornado “desviante”, implica em não ter produzido um

¹⁰ Este dispositivo será discutido mais adiante, quando for retomado aspectos da relação conjugal de *Ilítia*.



“bom filho”, o que endereçaria à crença de ela não ter sido uma “boa mãe”.

O discurso adotado por ela, no qual culpabiliza o filho por ser o que se tornou talvez fosse estratégia de apartar de si, mesmo que paliativamente, os sentimentos de culpa e vergonha. Por vezes, costumava silenciar-se e murmurar coisas do tipo “onde foi que eu errei?” ou “o que vão pensar de mim?”¹¹. A vergonha é um sentimento doloroso e sensível sobre o qual não há liberalidade para se falar a respeito, preferindo-se o silêncio, o fechamento em si e a inibição. Quando se é habitado pela vergonha, sentimentos de inutilidade, de ser incompreendido, desvalorizado e solitário resulta em artifícios para dissimulá-la a qualquer preço. Abertura para contar a experiência pessoal é quase inexistente, uma vez que o falar sobre isso é compreendido como falar de uma existência vazia e sem interesse. Assim sendo, o silêncio e o fechamento revelam-se como “escolhas” (impostas...) para esconder as crenças e sentimentos acerca da impotência e perda de confiança (GAULEJAC, 2006).

A questão dos olhares são outros elementos de destaque. Eles estabelecem relações e posicionamentos entre identificações e rejeições. Segundo ele, os “olhares circulam, as identificações se enlaçam e se desenlaçam, as relações se rompem e se renovam. Os sentimentos se confundem entre a compaixão e o desprezo, a piedade e a rejeição, a comiseração e a indiferença” (GAULEJAC, 2006, p. 219). Deste modo, existem “*olhares que matam*” e olhares que *‘fazem morrer de vergonha*”, pois eles podem desnudar, estigmatizar e produzir categorizações.

Sobre isso, pode-se destacar a ideia de *tribunais morais*, conceito este desenvolvido por Mattingly (2014) em etnografia realizada por 15 anos, envolvendo famílias afro-americanas, moradoras de Los Angeles e em situações de diversificadas vulnerabilidades, criando crianças em situações de doença ou deficiência. Neste estudo, a autora visou mostrar como as pessoas buscam o estabelecimento de normas e critérios da boa forma de agir, da ação correta e eficaz, de forma a

¹¹ Aqui ela apontava para a vergonha que sentia de ter que dizer ao chefe ou aos colegas de trabalho o porquê de ter que ir ao CAPS-ad e por qual motivo estava ali.



garantir o que foi nomeado como “uma boa vida” ou “uma vida digna de ser vivida” para os filhos. Nesta miríade de tentativas e erros, essas mães muitas vezes são alvo de julgamentos externos, criando-se nos espaços relacionais verdadeiros tribunais morais, que a exemplo de um tipo de panóptico foucaultiano, visa disciplinar os corpos e comportamentos. Nesse sentido, em alguns contextos ilustrados pela autora, o exercício da maternidade era alvo de críticas das mais explícitas às mais sutis.

No caso de Ilítia, havia receio de falar da vergonha e da culpa que sentia em si em virtude dos possíveis julgamentos, muitas vezes realizados apenas com a forma de olhar, que não acolhe, mas faz o outro se recolher à própria insignificância e fracasso. Estas dimensões foram gradativamente trabalhadas, além da mesma ter sido convidada a participar de um grupo multifamiliar no CAPS-ad.

Em certa ocasião do processo terapêutico individual, Ilítia resolve compartilhar um segredo, que há tempos guardava para si e produzia na intimidade dela, muito desconforto. Contou sobre o desejo que tinha que o filho fosse morto pela polícia ou por algum grupo rival, uma vez que isso significava para ela uma forma de acabar com todo o sofrimento. Todavia, recriminava-se, pois desejar algo deste tipo para um filho era algo reprovável, além de conflitar com aquilo que é “ser mãe”, “ser mãe de verdade”, segundo ela. Este arranjo parece dialogar com o dispositivo materno, no qual o “amor materno” é tido como algo natural e não produto de um processo de construção histórico-cultural.

Existem considerações interessantes sobre a existência da construção de um mito em torno da maternidade e do amor materno. Deste modo, instinto materno, tendência inata e feminina para a maternidade e o amor materno seriam ilusões (BADINTER, 1985). Por meio de reconstruções históricas a autora revela a substantiva variabilidade desse sentimento, considerando-se a cultura, as ambições e as frustrações da mãe. Neste diapasão, o amor materno é tido como um sentimento que pode existir ou não, podendo aparecer ou desaparecer, revelar-se frágil ou não, forte ou não e, ainda, ser mais direcionado a um(a) filho(a) em detrimento de outros(as) ou não. Na medida em que Ilítia pode se permitir colocar em discussão essas “verdades” sobre “maternidade”, sobre “amor materno” e perceber que o ser e o estar no



mundo podem ter possibilidades diversificadas, permissões internas foram possíveis, inclusive de experimentar formas diferentes do habitual dela.

Em certa ocasião, compartilhou perceber-se (co)responsável pelas condutas do filho e colocou em debate uma fala reiterada dele “quando estava doidão”. Ele costumava sinalizar que ela fizera algo que muito o magoou, embora não entrasse em detalhes. Ao revisitar sua história de vida, percebeu que muitas crenças e valores que possuía, faziam parte de padrões transgeracionais que percebeu terem sido repassados até ela, como “espécie de herança familiar”, como costumava dizer. Neste sentido, oportunizar-se compreender o filho era uma forma de compreender a si mesma. E neste sentido, desejava melhor entender as demandas do filho.

Disse que quando Telémaco nasceu, foi um momento de muita satisfação do pai. Não obstante, a relação conjugal vinha com alguns desafios, conforme foi destacado. Embora se sentisse desapontada com a situação, “não tinha forças para agir”, inclusive por conta de crenças que possuía sobre a conjugalidade.

Em certa ocasião, percebeu que descobrira, de forma acidental, algo que lhe dava poder sobre o esposo. Lembrou-se que durante uma briga conjugal, com raiva, teve a coragem de destruir um objeto de estimação do esposo, fato que não pareceu ter provocado desconforto nele. Todavia, quando começou a beliscar o filho, produzindo choro e hematomas no mesmo, percebeu que a paralisia e o estarecimento do esposo denunciavam que aquilo era algo que tinha impacto. O máximo que ele conseguia dizer era para ela não fazer aquilo com o filho dele, permanecendo incapaz de impedi-la daqueles atos. Sempre que queria provocar desconforto no esposo, atingia o filho. Esta situação durou muitos meses, segundo ela. Por vezes, não se contentava com os beliscões, passando a usar ponta de cigarro acesa como forma de torturar o marido, usando o corpo do bebê, “o corpo do filho dele”, como chegou a falar certa vez. Não obstante, recorda que antes desses episódios “ruins de lembrar”, rememorou também a alegria que sentiu no dia em que Telémaco nasceu. A forma de ele olhar e o formato do rosto e das mãos foram elementos que marcaram positivamente aquela ocasião.



Ao longo do processo terapêutico, foram exploradas as memórias agradáveis que ela tinha em relação ao filho e que pareciam estar eclipsadas por outras concepções. De maneira gradativa, ao reapropriar-se de si mesma, percebeu a relatividade de certas “verdades” que possuía sobre ela. Percebeu que a resignificação e a permissão em poder transmutar as próprias verdades eram possibilidades possíveis. Percebeu na própria transgeracionalidade alguns padrões familiares que apontavam para a geração dos avós e que, em certa medida, influenciavam na maneira como configurara seus dispositivos. Em sequência disto, decidiu que queria reinventar a relação com o filho, apesar dos desafios.

Certa vez, teve a ideia de colocar em prática algumas técnicas de limpeza de pele que aprendera e chamou o filho para testagem. O procedimento foi feito no rosto dele e que, por vezes, aproveitava para lhe acarinhar a face, lembrando-se do bebê que um dia ele foi. Contou que ele acabou adormecendo.

Nas semanas seguintes, percebeu-o diferente. Disse que era comum ele ficar impaciente, o que o fazia ficar andando pela casa, “agoniado” – depois da frequência dela no CAPS-AD sabia tratar-se de prováveis sintomas da fissura. Neste contexto, então, ele acabava por colocar o boné na cabeça e saía de casa, vindo a aparecer dias depois, muitas vezes sujo, machucado e, algumas vezes, “noiado”. Contudo, percebera novos padrões comportamentais no filho, o que a deixou com substantivo estranhamento. Disse que ele parecia “uma barata tonta”, pois várias vezes saía de casa e em curto tempo retornava, olhava para ela e voltava a sair de novo, pouco tempo depois. Com o tempo, deu-se conta que ele parecia estar em dilema entre a casa e a rua. Era como se em ambos os espaços tivessem forças que disputavam a atenção e a permanência dele.

Aqui cabe destacar que este dilema entre permanecer em casa ou estar na rua é algo que possui, em certa medida, relação com o episódio da limpeza de pele. No registro do sistema háptico de Telêmaco, o toque da mãe foi associado com violência, com maus tratos. Este fato produziu marcas psíquicas negativas e profundas nele, conforme foi confirmado por meio do atendimento de Telêmaco, com o outro psicólogo. Todavia,



no episódio destacado, este toque passou a estar associado a dois aspectos: limpeza e cuidado. É possível que este ato tenha produzido efeitos no sistema organizador das experiências de vida dele. Talvez ali, o toque da mãe tenha produzido uma nova marca, um novo registro psíquico, que passou a duelar com o anterior associado a dor. Estes aspectos foram discutidos nas reuniões da “equipe multidisciplinar”.

Em outra ocasião, posterior ao episódio supracitado, chegou a casa e viu sob a mesa uma folha de caderno amassada e escrita a lápis: “Fui bem ali e já volto. Assinado Telémaco”. Algum tempo depois, encontrou uma folha tipo A4, na qual, de caneta, estava escrito: *“Mãe, fui jogar bola na quadra. Se não tiver lá fui na casa do Júnior. Um beijo do seu filho Telémaco”*. Sobre estes escritos, pode-se especular sobre uma certa processualidade na qual gradativamente foi fortalecida uma nova forma de relacionamento entre ambos. No primeiro recado, o papel amassado, escrito com lápis, parece mostrar algo que ainda é frágil e que pode ser apagado. Já na segunda mensagem, o escrito à caneta parece marcar algo mais robusto, mais fortalecido, cuja possibilidade de ser apagado revela-se mais difícil. Além disso, ela passa a ser nomeada por ele como mãe, da mesma forma que se intitulou como filho dela.

“Não Posso me Separar Dele, Pois é o Pai do Telémaco”: Atravessamentos Silenciadores do Sofrimento na Conjugalidade

Em momento anterior, foi esboçado sobre os dispositivos que constroem as mulheres. Nesta reflexão, resgatou-se o dispositivo amoroso que agencia produções de verdades e de prescrições de conduta acerca do matrimônio, do ideal estético e da conjugalidade (ZANELLO, 2018).

Na primeira dimensão disso, tem-se a existência de espécie de mercado afetivo, no qual as mulheres precisam se engajar e cumprir com vários preceitos para que seja escolhida por um homem para a constituição de matrimônio. Deste modo, o casamento, o amor romântico e a concepção de felicidade atribuída ao relacionamento amoroso se impõem enquanto valores e objetivos que devem ser



desejados e buscados alcançar, como “único” caminho para a realização feminina.

Neste tipo de relacionamento amoroso, as mulheres devem se abster de esferas importantes de suas vidas como independência financeira, sucesso profissional, autonomia, não precisar ser submissa etc. Isto porque há um ideal de mulher – “verdadeira mulher” - que deve ser perseguido: não expressar sentimentos negativos; ser frequentemente bondosa e gentil; ser obediente e servil ao esposo/pai/homens; ser doce; devotada; incapaz; fútil; irracional, “amorosa de seu marido, de seus filhos, de sua família, além de todo o limite, de toda expressão de si” (NAVARRO-SWAIN 2013, p.11; ZANELLO, 2018). Em uma sociedade patriarcal é por meio do casamento que estaria garantida o logro de determinado valor e *status*. Desse modo:

a universalização e a naturalização dos papéis de gênero na cultura ocidental atribuíram às mulheres um lugar simbólico de resignação, responsabilidade sobre as estruturas ideais de família, incluindo a filiação e a maternidade, e de investimento permanente para se fazerem perceptíveis e atraentes ao olhar de um homem (TIMM et al. 2011, p. 254).

Neste sentido, o ideal estético configura-se enquanto valor a ser continuamente sustentado, assim como o silenciamento do(s) sofrimento(s) no contexto da conjugalidade. Na história de Ilítia, apesar de sentir-se contrariada e infeliz com as atitudes do esposo, diversas vezes “preferiu” silenciar-se. Outras vezes, deu vazão ao imperativo interno de questionar a disposição das coisas, apesar de não conseguir alcançar a mudança necessária, que em grande medida, visava “construir um casamento e uma família feliz, sem conflitos”, segundo ela. Assim, permanecia atrelada aos preceitos de “ser uma mulher de verdade”, coadunado ao dispositivo amoroso.

Quando foi posto em questão o tipo de conjugalidade vivido e desejado, percebeu-se instalar novo conflito. Como era possível separar-se do pai do filho dela? Não era permitido vislumbrar a ideia de que o



divórcio¹² não apartaria a continuidade da condição de pai do filho. Ao longo das (des)construções acerca de si, da condição de mulher, das questões históricas sobre gênero e os ditames patriarcais foi se constituindo a possibilidade de autorizações sobre o experimentar-se em novas condições de circular na vida. Como desdobramentos, voltou a estudar o que garantiu a aprovação em um concurso público. Pouco depois, divorciou-se e decidiu que era “hora de ir conquistar outros sonhos que haviam ficado adiados”, como ter um título de graduação, viajar mais entre outras coisas. Apesar disso, ainda percebia em si, resquícios de certa inadequação desse novo posicionamento na própria trajetória de vida. Era como sair da órbita em torno do ex-marido e constituir novo modo de circular na vida, fosse algo estranho.

O (Re)Nascimento de Ilítia: A Apoteose da Mulher em (Re)Edição

Em trabalho etnográfico, Araújo (2014) promoveu considerações interessantes acerca do como os indígenas *karitiana* estabelecem relações de parentesco e de cuidado com pessoas diferenciadas e nomeadas como *osikirip* (“especiais”). Estes são acolhidos na comunidade, que performa autorregulações para evitar rupturas na dimensão de pertencimento. Os aspectos articulados a essa forma de lidar com os “especiais”, permite fazer certas metáforas e reflexões com o caso em discussão.

Para os karitianas existem dois motivos basilares produtores de *osikirip*: 1) condições da gravidez da mãe ou 2) a condição de *popopo* – louco – (ARAÚJO, 2014). Na primeira situação, a mulher é responsável por gerar as condições de nascimento das pessoas. Sobre ela recai a responsabilidade pela existência do filho “especial”, cabendo-lhe a responsabilidade pelos cuidados que estes filhos “especiais” demandarem. Nestes termos, certos alimentos devem ser evitados (sobretudo os exógenos) e outros ingeridos; alguns comportamentos são indesejáveis, como contato com os não indígenas, pois isto pode criar

¹² Esta foi uma dimensão cogitada por ela, mas, sempre adiada, uma vez que não era “algo louvável para uma mulher que se prese”, segundo ela dizia.



debilidades no corpo. Além disso, intervenções biomédicas em mulheres (anticoncepcionais e outros fármacos); a raiva ou falta de amor das mulheres por seus maridos, quando grávidas ou possuir DST/AIDS¹³ podem produzir pessoas “especiais”.

Na segunda situação, tem-se que alguém pode nascer “especial”, condição essa provocada quando alguém é acometido pelo estado de *popopo*¹⁴ (louco). Esta possibilidade pode atingir qualquer *karitiana*. Nestes estados, deixa-se de reconhecer as pessoas e as ataca, podendo, em casos extremos de agressividade, resultar em assassinatos dos próprios parentes.

O ser *osikirip* não se encerra em estar necessariamente com alguma deficiência física, que limite o funcionamento físico-motor. Esta condição “especial” agrega miríade de características que parecem contrapor-se a algum ideal de estética do corpo – olho torto; perna fina; cabeça pequena; magreza – o que aponte funcionalidades deste corpo com restrições – o coração fraco; a garganta aberta; a ausência de intestinos; os rins débeis. Neste diapasão, outras limitações dispersas e que diminuam a autonomia no trabalho, também se constituem enquanto elementos caracterizadores de ser um “especial” – não falar ou não falar direito; não saber se alimentar ou a hora de dar de comer aos seus; dificuldade de aprendizagem; ter acesso de raiva, sendo agressores de seus próprios parentes; ser incapaz de dizer ao menos que têm fome (ARAÚJO, 2014, p. 50).

Embora os “especiais” sejam considerados como feios, ruins ou errados pelos *karitiana*, estes não deixam de ser considerados parentes. Existe um esforço coletivo de (re)construção de um cotidiano, no sentido de promover possíveis inclusões dos “especiais”. Neste sentido, são empregados meios para que, ao menos, conversem mais, tenham mais

¹³ Aqui os “especiais” são associados a uma doença sexualmente transmissível, fenômeno este presente a partir do relacionamento de alguns *Karitiana* com mulheres não indígenas.

¹⁴ Sobre isto, a autora destaca que “(...) nos tempos antigos, quando ainda moravam na maloca, haviam *popopo* e nunca mais foram os mesmos. Deste modo, tornaram-se *osikirip*” (Araújo 2014:44). Mais adiante, a autora destaca que este termo está associado também a “bêbado” e “como morto”, sendo traduzido na literalidade por “morto-morto” (ARAÚJO 2014:117).



apetite, sejam mais hábeis nas tarefas do dia a dia apesar das “limitações” e que fiquem mais tranquilos com os seus. “O cuidado e a paciência são lições ensinadas de responsabilidade dos pais para os filhos, como forma de tratar os especiais” (ARAÚJO, 2014, p. 53).

Além disso, o grupo crê na possibilidade de um “especial” minorar sua condição se ele conta com tratamento médico e assistência social (ARAÚJO, 2014, p. 54), embora, nem sempre o saber biomédico e do não indígena consiga lograr grau de unanimidade entre os *karitiana*. Além disso, a ideia de cuidado parece apontar para uma recursividade, na qual o cuidar do outro é, ao mesmo tempo, cuidar de si, em espécie de circuito retroalimentativo. O cuidado parece servir como forma de reduzir as possibilidades de afastamento de forma que, o isolamento de um *osikirip pybyra* (pouco “especial”) provocar sua mudança para *osikirip piba* (“especial” de verdade) ou, ainda, causar sua “transformação” em *popopo* (louco) ou em *kinda*¹⁵ (seres monstruosos, canibais). Este último, revela potencial perigo para todas da tribo, pois podem produzir perturbações naqueles que cruzam o caminho de tais entidades. Tem-se exemplos dos casos que se falar a respeito de tal encontro, produziu estado de mortificação, revertidos com muito custo e emprego de “remédios do mato” e outras intervenções *Karitiana*.

Neste sentido, quando um “parente” possui características de um “especial”, tem-se a potencialidade de adquirirem comportamentos e hábitos que remetem aos ogros e espíritos. Deste modo, tentar de todas as maneiras que dispõem para minimizar tais aspectos, parece visar a não transformação dos “especiais” em não humanos (ARAÚJO, 2014, p.106). Eis que essa percepção de pessoa ameríndia os implica a inculcar as regras do parentesco e incentivo da convivialidade, buscando que os *osikirip* não se tornem “não parentes” ou que sejam tragados para outros mundos, seguindo uma espécie de gradação de gravidade: *popopo* e

¹⁵ De acordo com a autora, “*Kinda* [...] conota a agressividade, a periculosidade, a feiura, a asquerosidade [...] os seres ditos *Kinda* destoam da paisagem bela e segura do mundo, introduzindo nela algo de uma potência destrutiva e descontrolada, marcada pela predação, pela devoração, pela agressão despropositada e por uma existência destinada ao desrespeito pela integridade dos demais viventes e pelo derramamento de sangue. Deste modo, *kinda* funciona menos do que uma categoria e mais como um qualificativo. (ARAÚJO, 2014, p. 112)



kinda. Parecem optar, destarte, por buscar enxergar e apostar na humanidade dessas pessoas. Esta etnografia traz o convite a refletir sobre o exercício da alteridade, em especial, com aqueles que se revelam diferentes daquilo que está normalizado. Ao invés de banir do convívio com os equivalentes, os “(a)normais”¹⁶ são continuamente incluídos e respeitados em suas diferenças.

Retomando a trajetória de Ilítia, foi possível observar que ela passou a buscar enxergar a condição de Telêmaco de outra forma. Ao invés de focar o filho enquanto “problemático”, “errante”, parece ter passado a reconsiderar os desafios da questão enquanto oportunidade de (re)construção de outros parâmetros de relacionamento entre ambos. Se antigamente ela adotara o expediente de evitá-lo, de “não se importar com ele”, passou a atentar-se para todas as oportunidades de estar com o filho em novas formas de relação. Um exemplo dado foi o episódio de realizar nele procedimentos de limpeza de pele que havia aprendido há pouco tempo. Outra situação digna de nota foi o de começar a ensinar o filho a ler, diante de ter observado o interesse dele neste sentido. Nesta ocasião, ele estava preso, uma vez que havia sido pego com uma bicicleta furtada¹⁷, no período em que estava na condicional. Em um primeiro momento a mãe resolveu levar livros para ele ler com ela, o que não despertou o interesse dele. Eis que percebeu que ele gostava de cantar letras de hip-hop, o que a fez usar letras das músicas favoritas dele, fatores que favoreceram a intenção dela. Diante da proibição da entrada de papel na penitenciária, resolveu escrever as letras de música nas palmas das mãos, dando continuidade ao processo de ensinar o filho a ler.

Ao longo do discurso dela, observou-se existir espécie de duelo entre os fatores que poderiam inclinar a balança comportamental do filho para “colocar o pé na jaca”¹⁸ ou manter-se em direção a outras

¹⁶ No sentido de serem aqueles que estão fora da norma, fora do que se nomeia como normal.

¹⁷ *Telêmaco* afirmou que não tinha sido ele, porém, sabia que tinha pego a bicicleta emprestado com um colega que não era alguém digno de confiança. Ele relatou para a mãe que ficou surpreso de ter sido acusado pelo furto.

¹⁸ Termo usado por ela para designar quando o filho tinha recaídas pesadas com as drogas. Dizia que ele havia “colocado o pé na jaca”. Esta expressão também era usada como a possibilidade de ele entrar cada vez mais no mundo do crime.



possibilidades. Era como se caso ela deixasse de apostar no filho, além de não auxiliar na potencialidade de transformação dele, acabaria por “perder ele para o mundo das drogas”. Neste aspecto, a atuação dos *karitiana* em evitar o isolamento de um *osikirip pybyra* (pouco “especial”) para não provocar sua mudança para *osikirip piba* (“especial” de verdade) ou, quando mais grave, para *popopo* (louco) ou *kinda* (seres monstruosos, canibais)¹⁹ parecem servir de metáfora para alguns posicionamentos de Ilítia. Desistir do filho, significaria deixar que fosse tragado para níveis mais complexos de degradação humana. Por outro lado, pode-se considerar, que nesse empreendimento, não deixar de estar presentes o quanto que no cuidar, no acolher, no proteger da maternidade, não estão circunscritos a um lado “bom” e “positivo” das relações, mas que coexiste agenciamentos em torno de controles, cobranças e constrangimentos (Fernandes, 2020) não dissociadas dos *tribunais morais* (MATTINGLY, 2014).

Considerando-se as pessoas e familiares com questões de drogadição, observa-se a estigmatização prevalente na vida dessas pessoas (TOLEDO et al., 2017; ROMANINI; ROSO, 2014; SILVA, 2011). O acesso às linhas de cuidado nas diversas políticas públicas constitui-se mais desafiador. Impera, em grande medida, um discurso moralista que adjetivam essas pessoas como sem vergonha, safados, vagabundos e, por que não dizer, “inservíveis” na lógica capitalista. De forma muitas vezes velada, os pais e mães dos “drogados”, dos “alcoolistas”, também sofrem estigmas que, não raramente, colocam em questão a qualidade dos mesmos no exercício do ser pai e ser mãe. Isto pode criar sofrimento psíquico, que, em uma escalada gradativa, pode resultar em um completo esgotamento destes familiares, ao mesmo tempo em que podem assumir uma condição de desistência do papel de ajuda do parente com questões relacionadas ao consumo de substâncias psicoativas.

¹⁹ É curioso que, na mídia em geral e no discurso das pessoas, as pessoas com condições de saúde mais agravadas em decorrência ao uso de drogas psicoativas são denominados por “zumbis”, em especial em relação ao crack e em condições mais degradantes. Uma espécie, talvez, de *Kinda*.



Na possibilidade de assumir-se a “desistência”, a experiência tem mostrado que o afastamento desses familiares pode influenciar, dito de outra forma, na “mutação” deste parente em algo metaforicamente próximo do *osikirip piba* (“especial” de verdade), podendo alcançar um estado de *kinda* em similitude da etnografia dos *karitiana*. Este fenômeno é visível em casos em que o processo de desfiliação (perda dos vínculos familiares) e desafiliação (perda dos vínculos sociais) (PEREIRA, 2009; SILVA, 2011) vão enraizando-se, ao ponto de ter-se casos extremos de degradação por vezes resultando em substantiva condições de desumanidade e abandono nas ruas.

Por outro lado, os familiares também sofrem com a impossibilidade de serem acolhidos em suas demandas. Por vezes, escamoteiam o sofrimento psíquico, uma vez que nem sempre esta condição humana é enxergada pelos profissionais e outros pares. Têm seus discursos sequestrados, silenciados (in)voluntariamente, impedidos de serem titulares do próprio sofrimento.

Nestes termos, constitui-se importante a consideração das redes sociais. O construto ou pressuposto conceitual de rede social ou rede social significativa se fundamenta no princípio de que os limites das fronteiras dos sistemas significativos dos indivíduos não se restringem à família nuclear ou extensa (SILVA, 2011). Elas englobam todo o conjunto de vínculos interpessoais do sujeito considerando-se a família, amigos, relações de trabalho, de estudo, inserções comunitárias e práticas sociais (SLUZKI, 1997), podendo ser capazes de ofertar ajuda e apoio tão reais quanto duradouros a um indivíduo ou a uma família (ELKAÏM, et al., 2009).

Por se tratar de sistema aberto, permite o intercâmbio dinâmico entre seus integrantes e com integrantes de outros grupos sociais, o que possibilita a potencialização dos recursos que possui, além de servir como importante espaço de construção e desenvolvimento identitário (DABAS 1993; PEREIRA; SUDBRACK, 2015; SLUZKI, 1997).

No período em que se deu o acompanhamento de Ilítia e de seu filho, o CAPS-AD em questão estava referenciado para mais de 1 milhão



de habitantes. Deste modo, muitas pessoas permaneciam numa invisibilidade institucionalizada.

É neste contexto que Ilítia passa a se posicionar de maneira mais ativista e talvez possibilidade de sob outros contextos, continuar reeditando sua trajetória identitária. Ela dizia que fizera o caminho primordial que era cuidar de si mesma e, diante daquilo que conquistara consigo, via-se no desejo de auxiliar outras pessoas a tornarem-se mais fortalecidas²⁰. Eis que no grupo multifamiliar passa a adotar um papel de acolhimento e cuidado para os pais recém-chegados, constituindo-se também enquanto agente de divulgação de informações qualificadas sobre diversos temas na área de serviços, direitos e linhas de cuidado diversas.

De acordo com (RABINOW, 2002; OLIVEIRA, 2016) o conceito de biossociabilidade reflete, em certa medida, o movimento de união dos familiares de acordo com as condições de saúde dos seus filhos para pleitear acesso às novas tecnologias. Deste modo, comunidades são formadas em torno de condições biológicas específicas, que passam a compartilhar estados sintomáticos ou genéticos, que, por sua vez, recriam contextos relacionais, de pertencimentos e de existências. Não raramente, estes grupos se reúnem para democratizar informações, fazer política para ter presença nas agendas governamentais e nos processos legiferantes (OLIVEIRA, 2016; LACERDA, 2015).

No caso de Ilítia, passou a engajar-se na edificação de uma associação de usuários, familiares e amigos do CAPS-ad. A ideia era lograr maior vocalização nos contextos decisórios do governo local; captar recursos financeiros, por meio de projetos de subvenção social e criar *locus* de pertencimento e de matriz identitária.

Considerações Finais

Na trajetória de Ilítia, descrita e refletida de forma sintética, observou-se alguém que migrou por diversas maneiras de circular, de ser

²⁰ O que mais adiante pareceu ser formatação de um *ethos* de solidariedade, o que será discutido em outro trabalho.



e de estar no mundo. Da mulher domesticada e eclipsada pelo *modus vivendis* formatados por dispositivos que constroem as mulheres, observou-se processos de *katábasis* e *anábase*²¹. Disto, ressurgem em reedições de si mesma, na qual constitui espaços gradativos de constituir-se mais *autora do que “atora”* da trajetória de si mesma.

A odisseia pessoal de Ilítia nos convida a lembrar de Heidegger (2015), em “O ser e o tempo”, quando destaca a angústia enquanto percepção mais profunda de nossa finitude, que implica em dizer que nascemos para morrer. Esta percepção nos orienta para o cuidado, para a preocupação com nossa existência. Neste sentido, Heidegger afirma que o ser humano, portanto, só existe no cuidado, na relação. Parece que na autor/idade lograda por Ilítia, a dimensão de cuidado extrapolou a si mesma e o filho, constituindo e disseminando um *ethos de solidariedade*. No início do percurso, “a gestação” de novas possibilidades deu-se de forma singular, metáfora esta presente na ideia de um “útero solitário”. No desabrochar e transbordar passa a produzir ações inclusivas. A alteridade parece germinar e produzir efeitos de desejo de cooperação, de solidariedade. Nesta engenharia complexa, é que se observa o que foi nomeado por “úteros solidários”²², engajados em algo comum: o ato de cuidar que não se restringe a si, mas, expande-se em outros níveis de inter/Ação.

Como já apontava Zanello (2018), no modelo patriarcal aos homens é permitido e ensinado a amar muitas coisas, mas, às mulheres, o aprendizado é para amar apenas os homens. Desse modo, assumir novos traslados em si e no entorno não está dissociado da contínua necessidade de renegociação das ambivalências que fazem parte desse percurso, que não está dissociado de estranhamentos, de

²¹Tanto *Katábasis* quanto *anábase* são termos gregos que significam “descida” e “subida”, respectivamente. Estes dois elementos estão relacionados ao supremo rito iniciático, no qual a *katábasis* (“descida”) representaria a morte simbólica, condição indispensável para que a *anábase*, uma “subida”, possa acontecer e permitir o acesso à *anagnórisis* (“autoconhecimento”), para que o homem velho seja transformado no novo homem (Brandão, 2001). Nas mitologias em geral, o arquétipo do herói traz, em diversos povos, este processo de aventuras subterrâneas, na qual são travados combates com seres monstruosos e entidades míticas, tendo no retorno, na subida, a maturação do herói e daquilo que ele é metáfora.

²²Embora exista o uso deste termo para designar a prática de gestação de uma mulher em prol de outra (também conhecido por “barriga de aluguel”), aqui este termo é assumido como uma metáfora, na qual a mulher em questão ser agente de ressignificações que contagiam outras mulheres e produzem efeitos em torno de um *ethos* de solidariedade.



constrangimentos e de silenciamentos, mas também de possibilidades emancipatórias.

Referências

ARAÚJO, Íris Morais. *Osikirip: os ?especiais? karitiana e a noção de pessoa ameríndia*. 2014. 176 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Departamento de Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-05082015-142648/publico/2015_IrisMoraisAraujo_. Acesso em: 25 jul. 2020.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 268 p. Tradução de: Waltensir Dutra.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida (vol. 2)*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980. 501 p. Tradução de: Sérgio Millet.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-etimológico da mitologia grega (Vol. 1)*. Petrópolis: Vozes, 2008. 702 p.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega (Vol. 3)*. Petrópolis: Vozes, 2001. 408 p.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 482 p.

MATTINGLY, Chreyl. *Moral laboratories: family peril and the struggle for a good life*. Oakland: California University Press, 2014. 280 p.

DABAS, Elina Nora. *Red de redes: las prácticas de la intervención em las redes sociales*. Buenos Aires: Paidós, 1993. 178 p.

ELKÏM, Mony *et al.* *Las prácticas de la terapia de red*. Barcelona: Gesida, 2009. 160 p.

FERNANDES, Camila. A força da ausência. A falta dos homens e do “Estado” na vida de mulheres moradoras de favela. *Sexualidad, Salud y*



Sociedad - Revista Latinoamericana ISSN 1984-6487 / n. 36 - dic. / dez. / dec. 2020 - pp.206-230 <https://doi.org/10.1590/1984-6487>

GAULEJAC, Vincent de. *As origens da vergonha*. São Paulo: Via Lettera, 2006. 240 p. Tradução de: Maria Beatriz de Medina.

HEIDEGGER, Martin. *O ser e o tempo*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 600 p. Tradução de: Marcia Sa Cavalcante Schuback.

JUNG, Carl Gustav. *Fundamentos de Psicologia Analítica*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 181 p. Tradução de: Araceli Elman.

LACERDA, Paula Mendes. *Meninos de Altamira: violência, luta, política e administração pública*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. 328 p.

NAVARRO-SWAIN, Tania. Diferença sexual: uma questão de poder. In: RIBEIRO, Edilene (org.). *Gênero, literatura e outras perspectivas*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013. p. 305-314.

OLIVEIRA, Fabiana Santos Rodrigues de. *Maconheirinhos: cuidado, solidariedade e ativismo de pacientes e seus familiares em torno do óleo de maconha rico em canabidiol (cbd)*. 2016. 193 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: UNB_bd1a7aa2032e0133c4e08d386a84367c. Acesso em: 25 jul. 2020.

OLIVEIRA, Simone Santos; NEVES, Mary Yale; BRITO, Jussara; ROTENBERG, Lúcia (2021). Relações sociais de sexo/gênero, trabalho e saúde: contribuições de Helena Hirata *Saúde Debate* | Rio de Janeiro, v. 45, n. Especial 1, p. 137-153, DOI: 10.1590/0103-11042021E111.

OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. O dispositivo amoroso e o assujeitamento das mulheres nas histórias que os livros didáticos ensinam. In: STEVENS, Cristina *et al* (org.). *Mulheres e Violências: interseccionalidades*. Brasília: Technopolitik, 2017. p. 206-225.

OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. O dispositivo amoroso e o assujeitamento das mulheres nas histórias que os livros didáticos ensinam. In: STEVENS, Cristina *et al* (org.). *Mulheres e Violências: interseccionalidades*. Brasília: Techopolitik, 2017. p. 206-225.



PEREIRA, Sandra Eni Fernandes Nunes. *Redes sociais de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social e sua relação com os riscos de envolvimento com o tráfico de drogas*. 2009. 321 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia Clínica e Cultura, Departamento de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/4416>. Acesso em: 25 jul. 2020.

PEREIRA, Sandra Eni Fernandes Nunes; SUDBRACK, Maria Fátima Olivier. Drogas e tráfico: o desafio da escola na construção de redes de proteção ao adolescente. In: SUDBRACK, Maria Fátima Olivier; DALBOSCO, Carla; PEREIRA, Sandra Eni Fernandes Nunes. *Adolescentes e drogas, lei e justiça: construções teórico-metodológicas para uma clínica da complexidade na socioeducação*. Brasília: Link Comunicação e Design, 2015. p. 239-257.

RABINOW, Paul. *Antropologia da Razão: ensaios de Paul Rabinow*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 204 p. Tradução de: João Guilherme Biehl.

ROMANINI, Moises; ROSO, Adriane. Mdiatização do crack e estigmatização: corpos habitados por histórias e cicatrizes. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, [S.L.], v. 18, n. 49, p. 363-376, 17 mar. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622013.0138>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832014000200363&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 25 jul. 2020.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade* 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SILVA, Luiz Felipe Castelo Branco da. *Alcoolismo: do cálice que cala à escuta que liberta - o pedido silencioso de dependentes e abusadores de bebidas alcoólicas no acolhimento de um CAPS-ad*. Curitiba: Juruá, 2011. 264 p.

SLUZKI, Carlos E. *A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. 148 p.



TIMM, Flávia Bascuñán; PEREIRA, Ondina Pena; GONTIJO, Daniela Cabral. Psicologia, violência contra mulheres e feminismo: em defesa de uma clínica política. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 11, n. 22, p. 247-259, dez. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2011000200005. Acesso em: 25 jul. 2020.

TOLEDO, Lidiane; GÓNGORA, Andrés; BASTOS, Francisco Inácio P. M.. À margem: uso de crack, desvio, criminalização e exclusão social: uma revisão narrativa. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, p. 31-42, 2017.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018 .

From The Solitary Uterus To The Solidarities Uterus: The Odyssey Of A Caring Woman

ABSTRACT: This study aims to analyze the course of a mother and her son with problems related to the consumption of psychoactive substances, with trajectory marked by conflicts with the law and passages in the Justice System. Both accompanied by the multidisciplinary team of a Center for Psychosocial Care in Alcohol and Other Drugs under the Government of the Federal District. Through the process of reassignment of this mother, it was possible to access elements for reflection on the myth of maternal love, the possible arrangements of maternity, the configurations of conjugality and the potential silencers in this dynamic. In addition, were also focus of discussion, the process of reinvention of the same as woman, as mother and as human being.

PALABRAS CLAVE/KEYWORDS: Dispositives. Gender. Mental health.

Luiz Felipe Castelo Branco da SILVA

Universidade de Brasília

Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Professor Adjunto do curso de Psicologia do Uniprojeção. Psicólogo Clínico.

E-mail: luizfcbs@yahoo.com.br

Recebido em: 26/06/2020

Aprovado em: 01/04/2022